

COMPLEMENTOS VERBAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: REFLEXÕES EM TORNO DO ENSINO DE SINTAXE A PARTIR DE UMA ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE GRAMÁTICAS PRESCRITIVAS, GRAMÁTICAS DESCRITIVAS E LIVROS DIDÁTICOS¹

Karoline Maria dos Santos²

Resumo: Este artigo centra a atenção no domínio sintático do português brasileiro, em específico, nos complementos verbais, partindo de uma análise contrastiva entre gramáticas prescritivas, descritivas e livros didáticos adotados para o Ensino Fundamental II. Partindo desse viés analítico, são objetivos desta investigação: (i) verificar convergências e divergências entre diferentes abordagens; (ii) refletir sobre como essas abordagens têm implicações para o ensino de sintaxe e (iii) discorrer sobre a importância de práticas pedagógicas voltadas ao ensino dos complementos verbais que contemplem reflexões em torno dos saberes gramaticais, entendendo o espaço da sala de aula como um laboratório de investigação linguística, partindo da adoção de metodologias ativas. Para tanto, a pesquisa fundamenta-se nas propostas feitas por Avelar (2017), Oliveira e Quarezemin (2016) e Pilati (2017) para o ensino de sintaxe. Sendo a pesquisa qualitativa e adotando o método comparativo, foram selecionadas gramáticas prescritivas (Rocha Lima, 2011; Cegalla, 2010; Cunha e Cintra, 2016; Almeida, 2009), descritivas (Azeredo, 2010; Bechara, 2009; Castilho, 2010; Perini, 2010) e livros didáticos publicados por duas editoras diferentes e amplamente adotados para o 7º e o 8º ano no Ensino Fundamental II. Os resultados mostram que, embora as gramáticas descritivas proporcionem uma abordagem reflexiva sobre o funcionamento sintático de diferentes complementos verbais, os livros didáticos ainda privilegiam, à semelhança das gramáticas prescritivas, definições e classificações que se apresentam limitantes no âmbito das funções sintáticas exercidas por diferentes complementos verbais. Diante dessa conclusão, é urgente que sejam propostas práticas pedagógicas que ultrapassem os entraves enfrentados pelo ensino de sintaxe sobre os complementos verbais através da adoção de metodologias ativas, por exemplo.

Palavras-chave: complemento verbal; ensino de sintaxe; prescrição; descrição; livro didático.

Resumen: Este artículo se centra en el dominio sintáctico del portugués brasileño, específicamente en los complementos verbales, a partir de un análisis contrastivo entre gramáticas prescritivas y descriptivas y libros de texto adoptados para la Enseñanza Primaria II. Desde esta perspectiva analítica, los objetivos de esta investigación son: (i) verificar convergencias y divergencias entre diferentes enfoques; (ii) reflexionar sobre cómo estos enfoques tienen implicaciones para la enseñanza de la sintaxis; y (iii) discutir la importancia de prácticas pedagógicas dirigidas a la enseñanza de complementos verbales que incluyan reflexiones sobre el conocimiento gramatical, entendiendo el espacio del aula como un laboratorio de investigación lingüística, a partir de la adopción de metodologías activas. Por tanto, la investigación se basa en las propuestas realizadas por Avelar (2017), Oliveira y Quarezemin (2016) y Pilati (2017) para la enseñanza de la sintaxis. Como se trata de una investigación cualitativa y adopta un método comparativo, se seleccionaron gramáticas prescritivas (Rocha Lima, 2011; Cegalla, 2010; Cunha y Cintra, 2016; Almeida, 2009) y descriptivas (Azeredo, 2010; Bechara, 2009; Castilho, 2010; Perini, 2010) y libros de didácticos publicados por dos editoriales diferentes y ampliamente adoptados para los grados 7.º y 8.º de Primaria II. Los resultados muestran que, si bien las gramáticas descriptivas proporcionan un enfoque reflexivo sobre el funcionamiento sintáctico de diferentes complementos verbales, los libros de texto aún privilegian, de manera similar a gramáticas Las

¹ Trabalho apresentado na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso — TCC*, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Profa. Dra. Claudia Roberta Tavares Silva, lotada no Departamento de Letras da mesma instituição.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. e-mail: karolinemariad.santos@gmail.com.

definiciones y clasificaciones prescriptivas limitan la comprensión de las funciones sintácticas de los diferentes complementos verbales. Ante esta conclusión, urge proponer prácticas pedagógicas que superen los obstáculos que se presentan en la enseñanza de la sintaxis de los complementos verbales mediante, por ejemplo, la adopción de metodologías activas.

Palabras-clave: complemento verbal; enseñanza de la sintaxis; prescripción; descripción; libro didáctico.

1 Introdução

Esta investigação, ao centrar a atenção no ensino dos complementos verbais no português, visa analisar como esses constituintes são analisados em três esferas, a saber: na gramática prescritiva, na gramática descritiva e nos livros didáticos, a fim de “diagnosticar” se há pontos de divergência no que respeita, por exemplo, à sua classificação.

Resultados de pesquisas apontam para uma dicotomia entre a nomenclatura adotada pelas gramáticas prescritivas e a nomenclatura utilizada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) para alguns constituintes gramaticais. Em seu estudo, Câmara (2010) aponta que a NGB acaba unificando termos que possuem funções sintáticas diferentes. Conforme será visto na seção 3, há evidências dessa unificação no âmbito sintático voltado à complementação verbal, o que impacta diretamente o ensino de sintaxe. Visando à superação desse entrave, Pilati (2017) e Avelar (2017) destacam a importância de um ensino centrado em uma metodologia em que os saberes gramaticais do estudante devam ser considerados como ponto de partida para a produção da reflexão gramatical.

A partir de experiências vivenciadas, como graduanda do Curso de Licenciatura em Letras, em atividades como: Estágio Não-Obrigatório (ENO), Estágio Obrigatório (ESO) e Programa de Incentivo à Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), foi possível observar dificuldades no processo de aprendizagem dos estudantes relativas a aspectos sintáticos da gramática do português brasileiro, especialmente, os complementos verbais introduzidos por preposições.

Sabendo que o verbo é um componente sintático que funciona como núcleo dos sintagmas oracionais (Bechara, 1961) e que argumentos são exigidos por predicadores verbais, a exemplo de *colocar*, *entregar* e *gostar*, é preciso que os estudantes vivenciem em suas rotinas escolares uma reflexão acerca da interface entre a estrutura argumental e a estrutura sintática, pois, para cada argumento, a sintaxe deve prover uma posição. No caso de um verbo como *colocar*, há três argumentos exigidos por

esse predador verbal: quem coloca (função semântica: Agente), o que é colocado (função semântica: Tema) e onde é colocado (função semântica: Locativo). Em termos sintáticos, o Agente ocupa a posição de sujeito (S); o Tema, a posição de objeto direto (OD) e o locativo, a posição de complemento oblíquo (CO), que se divide em complemento relativo e complemento circunstancial (Rocha Lima, 2011). No exemplo, a seguir, o complemento oblíquo trata-se de um complemento circunstancial:

(1) O professor colocou os livros na estante.

Agente	Tema	Locativo	- ESTRUTURA ARGUMENTAL
S	OD	CO	- ESTRUTURA SINTÁTICA

No que se refere aos sintagmas preposicionados, verificamos divergência entre gramáticas no que se refere a verbos de movimentos como *ir* e *chegar*. Em algumas gramáticas, esses sintagmas são classificados como adjuntos adverbiais de lugar e, em outras, como complementos circunstanciais, o que resulta em uma grande dificuldade no âmbito da análise sintática tanto para o processo de ensino quanto para o processo de aprendizagem. Observe-se essa divergência em gramáticas prescritivas a partir das seguintes orações construídas com o verbo *ir*:

- *Gramática de Cegalla (2010):*

(2) *Vou à cidade* (p. 433).

Função sintática do sintagma preposicionado: “Os verbos intransitivos podem vir acompanhados de um **adjunto adverbial** e mesmo de um predicativo.” (grifo nosso, p. 433)

- *Gramática de Rocha Lima (2011):*

(3) *Irei a Roma e jantarei em Roma* (p. 311).

Função sintática do sintagma preposicionado: “É um **complemento de natureza adverbial** tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.” (grifo nosso, 311)

Em adição, observe-se esta citação extraída de Cegalla (2010, p. 439) que insiste em considerar o constituinte preposicionado em orações construídas com o verbo *ir* como um adjunto adverbial de lugar:

É desanimador o que se está passando em alguns colégios e até em faculdades; desastrosamente, para o português e principalmente para o latim, andam ensinando que o verbo *ir* e outros são transitivos indiretos por-que, dizem, vêm com complemento antecedido de preposição. Não! Isso é um atentado à sintaxe. Ensinar isso é não saber o que é regência verbal nem em latim nem em português; teria graça ensinar que há dois objetos indiretos na oração "Foi do Rio para Recife"; e se estivesse "Foi do Rio para Recife por Belo Horizonte"? Não temos aí objetos mas adjuntos adverbiais de lugar: de lugar donde, de lugar para onde e de lugar por onde.

Diante da divergência verificada entre gramáticos, a hipótese que norteia a escolha pela temática desta investigação reside no fato de que, ao compararmos a abordagem de diferentes gramáticas com a dos livros didáticos de língua portuguesa, é possível que haja muitas informações ausentes, simplistas e que deixam a desejar no quesito exemplificação, clareza e explicação no que se refere aos complementos verbais, sobretudo aos introduzidos por preposição. Isso pode decorrer da falta de estímulo à investigação e à reflexão sobre a sintaxe do português, em nosso caso, da variedade brasileira do português. Portanto, defende-se aqui que é preciso repensar o ensino da sintaxe partindo de uma abordagem científica, reflexiva que vise à ampliação dos saberes gramaticais já trazidos pelos alunos ao ingressarem na escola a partir de uma aprendizagem ativa, sob a ótica do que vem sendo defendido por Pilati (2017), Avelar (2017) e Oliveira e Quarezemin (2016).

Diante do exposto, este artigo, em um primeiro momento, realiza uma análise contrastiva entre gramáticas prescritivas, descritivas e livros didáticos adotados para o 7º e 8º anos do ensino fundamental no que se refere ao tratamento dado aos complementos verbais e, em um segundo momento, discorre sobre a necessidade de práticas pedagógicas que contemplem, sob a ótica das metodologias ativas, o ensino desses complementos, entendendo a sala de aula como um laboratório de investigação linguística. Alinhado a isso, considera-se o que está previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) acerca do ensino dos complementos verbais no Ensino Fundamental nas séries finais:

- Conhecer e analisar as funções sintáticas (sujeito, predicado, objeto, modificador etc.).

- Conhecer e analisar a organização sintática canônica das sentenças do português do Brasil e relacioná-la à organização de períodos compostos (por coordenação e subordinação).
- Perceber a correlação entre os fenômenos de concordância, regência e retomada (progressão temática – anáfora, catáfora) e a organização sintática das sentenças do português do Brasil.” (BNCC, 2018, p. 83)

Visando ao atendimento desses três objetivos, percebe-se a necessidade de elaboração de propostas didáticas que acrescentem ao ensino dos complementos verbais alternativas para que se chegue a um aprendizado reflexivo advindo de uma análise linguística que contemple, por exemplo, a competência linguística dos alunos, em outras palavras, o seu conhecimento intuitivo sobre a língua. Baseando-se na análise proposta por Pilati (2017), por exemplo, que aborda a aprendizagem ativa através de habilidades metacognitivas, é possível promover espaços de aprendizagem onde os discentes reflitam e produzam conhecimentos sobre as estruturas sintáticas.

Para a realização da discussão aqui proposta, este artigo encontra-se assim estruturado: na seção 2, discorre-se sobre o quadro teórico-metodológico adotado; na seção 3, analisa-se como os complementos verbais são abordados nas gramáticas prescritivas e descritivas; na seção 4, discute-se como os livros didáticos abordam esses complementos, buscando, na medida do possível, estabelecer uma interface com o ensino de sintaxe; na seção 5, são feitas reflexões em torno da necessidade de elaboração de propostas pedagógicas que contemplem o ensino dos complementos verbais de forma reflexiva sob a ótica das metodologias ativas e, por fim, apresentam-se as considerações finais.

2 O percurso teórico-metodológico da pesquisa

2.1 A base teórica

Para o desenvolvimento da análise contrastiva empreendida neste trabalho, adotamos a perspectiva teórica da Gramática Gerativa, de Noam Chomsky (1971, 1981, 1986 e seguintes), articulando-a ao ensino de sintaxe. Para tanto, sob a ótica inatista da linguagem, assumimos com Oliveira e Quarezemin (2016), Avelar (2017) e Pilati (2017), o pressuposto de que todo falante, antes de ingressar em uma instituição

escolar, já sabe sua língua, em outras palavras, já tem a gramática internalizada de sua língua, sendo não só capaz de produzir estruturas frásicas a partir de um conjunto finito de elementos, mas também de emitir juízos de gramaticalidade sobre elas. Portanto, metodologias ativas são defendidas por esses autores para serem aplicadas ao ensino de sintaxe. Pilati (2017), por exemplo, propõe uma reflexão sobre o ensino de gramática com a participação ativa dos estudantes. Oliveira e Quarezemin (2016), por sua vez, defendem que essa aprendizagem reflexiva possa partir dos conhecimentos prévios desses estudantes e que, a partir disso, possam “manufaturar” sua própria gramática para entender como a linguagem funciona.

Em sua obra *Saberes gramaticais: formas, normas e sentidos*, Avelar (2017) defende que, para que a aprendizagem seja eficaz, é necessário que se parta de um fator essencial que não pode ser deixado de lado se o propósito é transformar o estudante em um aprendiz ativo: a língua internalizada. Nesse sentido, o autor, adotando a teoria gerativa, assume que todos nós já possuímos um conhecimento internalizado sobre nossa língua materna por mais que isso não seja algo consciente. A proposta é, portanto, trabalhar com aquilo que o estudante já tem de conhecimento intuitivo e fazê-lo refletir sobre sua gramática, transformando o espaço educacional em uma espécie de laboratório de conhecimento e exploração linguística.

Alinhadas ao pensamento de Avelar (2017), Oliveira e Quarezemin (2016), no livro “Gramáticas na escola”, produzem uma discussão sobre a importância de transferir o protagonismo ao estudante durante o processo de aprendizagem. Além disso, defendem o uso do método científico nas aulas de língua portuguesa através da construção de gramáticas pelos próprios estudantes partindo de seus saberes gramaticais internalizados até à ampliação desses saberes, tendo em mente o funcionamento de sua gramática sob a perspectiva daquilo que eles já sabem em seu cotidiano. Durante a discussão, as autoras apresentam resultados de uma pesquisa feita por Honda & O’neil, 1993 em que os estudantes foram submetidos a tornarem-se investigadores científicos nas disciplinas de matemática e ciências. Essa pesquisa, apresentou um resultado positivo para aqueles alunos que participaram da experiência se comparados aos estudantes que não participaram. Da mesma forma, Oliveira e Quarezemin (2016) argumentam a favor de uma proposta pedagógica que promova aulas de gramática investigativas onde os estudantes sejam “detetives” que descubram por si próprios as respostas através da elaboração e testagem de hipóteses, tendo em mente uma reflexão embasada nos múltiplos usos da língua.

À semelhança de Oliveira e Quarezemin (2016), Pilati (2017) defende a prática da investigação linguística na sala de aula e, portanto, critica os métodos tradicionais adotados no processo ensino-aprendizagem que posicionam o aluno como um “mero receptor, categorizador, classificador” de termos. Segundo ela, o estudante precisa ser levado ao método de reflexão linguística de forma ativa centrada em seu protagonismo através de sua “gramática particular” adquirida ao longo de suas experiências. Para tanto, Pilati (2017) defende que os métodos de ensino sejam reavaliados para que as aulas não sejam um espaço onde o aluno decore o conteúdo, mas que o entenda e saiba usá-lo em um ambiente de aprendizagem ativa.

2.2 Os procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento desta investigação, a pesquisa tem natureza qualitativa e documental na medida em que, a partir da análise de diferentes fontes bibliográficas, foi possível verificar como os complementos verbais têm sido abordados. Para tanto, foi adotado o método comparativo ao estabelecer um contraste entre gramáticas prescritivas, descritivas e livros didáticos.

Visando a uma reflexão da abordagem das gramáticas prescritivas sobre os complementos verbais, selecionamos as gramáticas elaboradas por Cunha e Cintra (2016), Rocha Lima (2011), Cegalla (2010) e Almeida (2009).

Por sua vez, visando ao entendimento do funcionamento dos complementos verbais, foram selecionadas as seguintes gramáticas descritivas: Azeredo (2008), Bechara (2009), Castilho (2010) e Perini (2010). Essa abordagem da análise sintática permite evidenciar lacunas na abordagem das Gramáticas Tradicionais e a necessidade de reflexão sobre os usos da língua em diferentes variedades.

Realizada, em um primeiro momento, a análise comparativa entre diferentes abordagens gramaticais (gramática prescritiva versus gramática descritiva), partimos para um segundo momento voltado à análise do tratamento dado por livros didáticos à temática, a fim de verificar com que tipo de abordagem gramatical se aproximam ou se distanciam mais. Para tanto, foram selecionados dois livros didáticos publicados por duas editoras diferentes, a fim de verificarmos se há convergência e/ou divergência entre elas na abordagem dos complementos verbais. levando em conta o que está previsto na BNCC para o ensino de sintaxe nos 7º e 8º anos.

Concluída a análise qualitativa e comparativa entre diferentes gramáticas e livros didáticos, foi possível refletir, num terceiro momento, sobre a prática de ensino de sintaxe a partir da necessidade de promoção de novas estratégias pedagógicas que fomentem um conhecimento crítico dos complementos verbais, entendendo o espaço da sala de aula como um laboratório de investigação linguística.

3 A perspectiva gramatical: diferentes olhares sobre os complementos verbais

3.1 O que dizem as gramáticas prescritivas?

Ao analisarmos o histórico da formação do conceito de educação no Brasil passamos por diversos momentos devido às reformas político-sociais que, além de transformarem o cenário social, influenciaram no modelo de educação, incluindo o ensino da língua (Duarte, 2021). Quando se trata do ensino de língua portuguesa no Brasil, é preciso considerarmos que, por muito tempo, centrou-se na transmissão das regras prescritas nos manuais gramaticais (Duarte, 2021). Nesse sentido, as aulas articulam-se a um modelo de ensino bancário (Freire, 1970), no qual o aluno apenas recebe informações sobre regras gramaticais que deveriam ser aprendidas, sendo desconsiderada sua atuação no processo de aprendizagem a partir, por exemplo, da ativação e aplicação de seus saberes gramaticais como falante nativos.

Podemos perceber, porém, que, embora haja prescrição de regras na chamada Gramática Tradicional, há divergência no que diz respeito a alguns domínios sintáticos, a exemplo da classificação de sintagmas preposicionados exigidos por verbos de movimento como *ir* e *chegar*.

Em gramáticas prescritivas, encontram-se explicações sobre predicados verbais cujo núcleo verbal pode ou não precisar de complementação (Rocha Lima, 2011). Verbos que não precisam de complementação são chamados de intransitivos, ao contrário daqueles que precisam, os transitivos (Cegalla, 2010; Almeida, 2009). Os transitivos se dividem em: transitivos diretos, indiretos e direto e indireto.

Sobre a complementação verbal, as gramáticas prescritivas apresentam distintas classificações a depender do objeto que acompanha o verbo. Na gramática de Cegalla (2010), por exemplo, há as categorias de objeto direto, objeto indireto, objeto direto preposicionado, objeto direto pleonástico e objeto indireto pleonástico. Na

gramática de Rocha Lima (2011), para além das classificações já mencionadas, destaca-se o complemento oblíquo sempre introduzido por uma preposição, o qual se subdivide em complemento relativo e complemento circunstancial: aquele “ é o complemento que, ligado ao verbo por uma preposição determinada (a, com, de, em, etc.), integra, com o valor de objeto direto, a predicação de um verbo de significação relativa.” (p. 311), já este é “um complemento de natureza adverbial — tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.” (p. 311). Vejam-se exemplos de complementos relativos em (4) e de complementos circunstanciais em (5):

- (4)a. gostar *de uvas* — gostar *delas*
- b. reparar *nos outros* — reparar *neles*.

(Rocha Lima, 2011, p. 311)

- (5)a. Morar *em Paquetá*.
- b. Estar *à janela*.

(Ibid., p. 312)

É importante dizermos que, pelo fato de esses constituintes preposicionados não serem classificados como complementos oblíquos em outras gramáticas prescritivas (Almeida, 2009; Cegalla, 2010), há, sem dúvidas, uma simplificação, uma limitação e uma controvérsia de informações que impactarão a reflexão sobre a complementação verbal, sendo um dos desafios no processo ensino-aprendizagem. Uma evidência adicional dessa visão limitante será discutida na próxima seção ao abordarmos o tratamento dado pelos livros didáticos aos complementos verbais.

Outra divergência verificada entre as gramáticas prescritivas diz respeito aos critérios que identificam um complemento como objeto direto e objeto indireto. Na gramática de Cunha e Cintra (2016), encontramos as seguintes definições:

OBJETO DIRETO é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal. (p. 154)

OBJETO INDIRETO é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição. (p. 157)

Essas definições assemelham-se as que são encontradas na gramática de Cegalla (2010):

Objeto direto é o complemento dos verbos de predicação incompleta, não regido, normalmente, de preposição.

Exemplo: As plantas purificam o ar. (p. 348)

Objeto indireto é o complemento verbal regido de preposição necessária e sem valor circunstancial. Representa, ordinariamente, o ser a que se destina ou se refere à ação verbal:

"Nunca desobedeci a meu pai." (Povina Cavalcanti) (p. 352)

Ao compararmos a abordagem de Cunha e Cintra (2016) e a de Cegalla (2010) dada aos complementos verbais com a abordagem apresentada na gramática de Rocha Lima (2011), verificamos uma distinção. O critério que esse último gramático apresenta para distinguir os complementos verbais é de natureza estritamente semântica e extrapola o fato de o complemento ser regido ou não por uma preposição. Segundo Rocha Lima (2011), "Objeto direto é o complemento que, na voz ativa, representa o paciente da ação verbal." (p. 299), enquanto: "O objeto indireto representa o SER ANIMADO a que se dirige ou destina a ação ou estado que o processo verbal expressa." (p. 306).

Ademais, há outros critérios que definem complemento como objeto direto e objeto indireto. Há casos em que complementos verbais são introduzidos por preposições e não são objetos indiretos, a saber: o objeto direto preposicionado em frases como: amar *a Deus*. Cunha e Cintra (2016) definem esse objeto como uma estratégia linguística usada para explicitar ou enfatizar o contraste que existe entre o sujeito e o complemento. Vejam-se os contextos em que esses complementos diretos ocorrem:

1. O objeto direto costuma vir regido da preposição a:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

Não amo a ninguém, Pedro.

(C. dos Anjos, M, 196.)

Só não amava a Jorge como amava ao filho.

(J. Paço D'Arcos, CVL, 156)

b) para evitar ambiguidade:

Sabeis, que ao Mestre vai matá-lo.

(M. Mesquita, LT, 66.)

c) quando vem antecipado, como nos provérbios seguintes:

A homem pobre, ninguém roube.
A médico, confessor e letrado nunca enganes.

2. O OBJETO DIRETO é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.
(F. Pessoa, OP, 218.)
Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e a si.
(Machado de Assis, OC, I, 679.)” (p. 156)

Conforme já mencionado, há outras ocorrências de complementos verbais, a saber: o objeto direto pleonástico. Para Cegalla (2010), trata-se de um termo que usamos “Quando queremos dar destaque ou ênfase à ideia contida no objeto direto, colocamo-lo no início da frase e depois o repetimos ou reforçamos por meio do pronome oblíquo.”(p. 352). Cunha e Cintra (2016), por sua vez, também verificam: “Quando se quer chamar atenção para o OBJETO DIRETO que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. E o que se chama OBJETO DIRETO PLEONÁSTICO, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono”:

(6)a. “Palavras cria-as o tempo e o tempo **as** mata. (J. Cardoso Pires, D, 300.)

b. Árvore, filho e livro, queria-**os** perfeitos. (Vianna Moog, T, 330.)

(Cunha e Cintra, 2016, p. 156)

Vale referirmos que, para os complementos diretos, independentemente de serem ou não introduzidos por uma preposição, testes para sua identificação podem ser aplicados, conforme consta na gramática de Cegalla (2010, p. 348-349):

A) O objeto direto tem as seguintes características:

- completa a significação dos verbos transitivos diretos;
- normalmente, não vem regido de preposição;
- traduz o ser sobre o qual recai a ação expressa por um verbo ativo:

Exemplo: Caim matou Abel.

- Torna-se sujeito da oração na voz passiva:

Exemplo: Abel foi morto por Caim.

B) O objeto direto pode ser constituído:

- por um substantivo ou expressão substantivada:

Exemplo: O lavrador cultiva a terra.

Exemplo: Unimos o útil ao agradável.

- pelos pronomes oblíquos o, as, os, as, me, te, se, nos, vos:

Exemplo: Espero-o na estação. Ela nos chama.

- por qualquer pronome substantivo:

Exemplo: "Não vi ninguém na loja.

C) Frequentemente transitivam-se verbos intransitivos, dando-se-lhes por objeto direto uma palavra cognata ou da mesma esfera semântica:

Exemplo: "**Viveu** José Joaquim Alves **vida** tranquila e patriarcal." (VÍVALDO COARACI)

Em tais construções é de rigor que o objeto venha acompanhado de um adjunto.

Não há dúvidas de que a aplicação de testes para a identificação dos complementos verbais pode ser uma excelente ferramenta de reflexão sobre o funcionamento desses complementos nas aulas de sintaxe, no entanto, a não-unanimidade entre os gramáticos sobre a classificação e definição dos complementos verbais é um grande desafio no ensino de sintaxe que repercute na abordagem dada pelos livros didáticos como será visto mais adiante, tendo em vista a existência de duas propostas de classificação no interior da prescrição gramatical: a) só há dois tipos de complementos verbais: os objetos diretos e os objetos indiretos e b) há três tipos de complementos verbais: os objetos diretos, os objetos indiretos e os complementos oblíquos, sendo esta última proposta a que adotamos ao longo desta investigação.

3.2 O que dizem as gramáticas descritivas?

Quando pensamos em estudar o funcionamento da língua, a gramática descritiva é uma ferramenta extremamente importante para discutir aspectos da sintaxe do português brasileiro, por exemplo. Para Castilho (2010), a gramática descritiva se desenvolve a partir de três postulados linguísticos: (i) a língua é uma "substância" onde os componentes linguísticos se relacionam e estabelecem funções entre si; (ii) a língua

é composta de grupos ou “conjuntos” de termos que se organizam por um padrão hierárquico e (iii) a organização dos termos pode estar sujeita à variação a depender de fatores linguísticos e extralinguísticos. Esses postulados abrem margem para promover uma reflexão sobre os usos da língua em diferentes modalidades. Por exemplo, ao discorrer sobre os complementos verbais oblíquos, Azeredo (2010, p. 217) verifica que a preposição que o introduz pode ser removida no português falado devido ao fato de ser vazia de valor semântico:

O esvaziamento semântico dessas preposições tem favorecido o desaparecimento delas junto a alguns verbos de uso frequente na fala - ordinariamente os seguidos de a - que se tornaram transitivos diretos. São exemplos no português corrente do Brasil: agradecer, agradar, assistir, obedecer e perdoar (Agradeça seu irmão por mim, Ela teve medo de assistir o final do filme, Recusou-se a obedecer as ordens do pai, O Papa perdoou seu agres. sor). Quando o verbo é seguido da conjunção integrante que, a preposição em geral é suprimida (cf. Desconfiava de todo mundo e Desconfiava que não ia passar de ano). Nos registros informais da língua falada, e frequentemente da escrita, esta supressão também acontece diante do pronome relativo que (Gostei mais desse filme e Esse foi o filme que eu mais gostei) 4. É importante enfatizar que essas preposições não contribuem para a relação de sentido entre o verbo e o complemento; a função delas é meramente conectiva, e sua supressão diante de que pode ser explicada pela 'redundância conectiva da sequência preposição + conjunção/pronome relativo.

Essa possibilidade apresentada pelo gramático traz uma questão, não refletida nas gramáticas prescritivas analisadas anteriormente e, conseqüentemente, também não discutida no ambiente didático. Tal discussão precisa ser levada para a sala de aula durante o ensino de sintaxe: a flexibilização dos complementos verbais e as mudanças que ocorrem na fala e na escrita, além de possibilitar uma reflexão sobre gramática prescritiva baseada em uma norma “ideal” de língua e seu contraste com o funcionamento “real” da língua.

Discutindo também o funcionamento dos complementos verbais no português brasileiro, Castilho (2010) aborda, em sua gramática, três tipos de complemento verbal: o objeto direto, o objeto indireto e o complemento oblíquo, os quais, à semelhança do sujeito, são argumentos centrais uma vez que são selecionados pelo próprio verbo e exigidos por ele. Sobre o complemento oblíquo, comenta: “O complemento oblíquo é uma espécie de vagalume em nossas gramáticas: ora aparece, denominado então complemento terminativo/complemento relativo, ora desaparece, sendo rotulado de

adjunto, ora aparece de novo, agora rebatizado como complemento oblíquo.” (Castilho, 2010, p. 305).

Ademais, ao introduzir a discussão sobre os complementos, Castilho (2010) aplica o teste de proporcionalidade em que há a possibilidade de substituir argumentos verbais por pronomes. Observe os exemplos extraídos de sua gramática:

- (7)a. João pôs o livro na estante;
- b. Pedro viajou de Portugal para o México.

Aplicando o testes da proporcionalidade, esses exemplos ficariam assim:

- (8)a. Ele pôs ele lá/ Ele o pôs lá.
- b. Ele viajou daqui para lá.

(Castilho, 2010, p. 305)

Ao apresentar esses exemplos, o autor informa que, dada a proporcionalidade com os pronomes, os termos que podem ser substituídos pelo “ele” nominativo são considerados sujeitos sentenciais. Os proporcionais ao clítico “o” e “ele” acusativo são considerados objetos diretos e os equivalentes ao “lhe” são os objetos indiretos. Como última observação, os termos proporcionais à expressão preposição + pronome pessoal/ advérbio dêitico/ demonstrativo neutro são os pronomes oblíquos. Esse teste da proporcionalidade, portanto, pode ser de extrema importância para o ensino de sintaxe na escola, culminando em uma outra forma de aprender e entender o funcionamento dos complementos.

]Ademais, Castilho (2010, p. 301) evidencia outras possibilidades de preenchimento na posição de complementação verbal no que respeita, em particular ao objeto direto que pode ser representado por uma categoria vazia (representada por Ø) não prevista nas gramáticas prescritivas:

(9) O sinhozinho Malta está tentando o Zé das Medalhas a matar o Roque. Mas ele é muito medroso. Quem já tentou matar Ø foi o empregado da Porcina. Ontem ele quis matar Ø, a empregada é que salvou Ø.

Essa representação demonstra a preferência pela “facilitação sintática” e pela economia de termos usados sem prejudicar a compreensão da sentença, segundo argumenta Castilho (2010). Ou seja, a posição argumental do objeto direto vem sendo cada vez menos preenchida por categorias realizadas foneticamente.

Vale dizermos que, independentemente de como a posição de objeto direto está sendo preenchida, o fato é que os testes para a identificação dessa função sintática são eficazes. Utilizando-se da oração “*Meus sobrinhos comeram a melancia*.”. Perini (2010, p. 80-81) elenca os seguintes testes:

1. Podemos começar observando o seguinte: existe uma oração correspondente [...], na qual o constituinte **a melancia** se encontra deslocado para o início da oração: [...] *A melancia*, meus sobrinhos comeram.
2. “certos constituintes da oração podem ser retomados em perguntas por meio do elemento *que* (ou o *que*, ou ainda *quem*). Ou seja, pode-se definir uma relação discursiva tal que uma frase possa ser resposta adequada a uma pergunta que é introduzida por um desses elementos interrogativos. As duas (pergunta e resposta) se relacionam formalmente porque na pergunta o elemento *que* substitui o constituinte em exame (com ou sem inversão de ordem). Assim, temos o par (82) a. — O que meus sobrinhos comeram? b. — Meus sobrinhos comeram a melancia.

Em adição, vejam-se testes aplicáveis à identificação do objeto direto apresentados por Castilho (2010, p. 300):

1. É proporcional aos pronomes pessoais acusativos *ele/o*: (54) João pôs o livro na estante à João pôs *ele/o* pôs na estante.
2. Na passiva correspondente, o objeto direto assume a função de sujeito: (54') O livro foi posto por João na estante.
3. Pode ser preenchido por sintagma nominal de núcleo pronominal (55a) ou nominal (55b), e por sentença substantiva objetiva direta (55c), colocando-se habitualmente após o verbo:
a) Viu-me na rua. b) Viu o rapaz na rua. c) Disse que viu o rapaz na rua.
4. O papel temático do objeto direto é /paciente/, como em (55a e 55b), mesmo com verbos causativos: (56) O passageiro desceu o pacote.
5. O objeto direto pode ser omitido na sentença: (55a') Viu Ø na rua.”

Os testes acima também podem ser aplicados aos casos em que o objeto direto é preposicionado, o que implica dizer que nem todo complemento preposicionado é objeto indireto como muitos estudantes são levados a crer. Sobre o objeto direto preposicionado, Bechara (2009, p. 345) elenca os seguintes contextos:

a) quando se trata de pronome oblíquo tônico (uso hoje obrigatório):

“Nem ele entende a nós, nem nós a ele” [LC.1, V, 28].

b) quando, principalmente nos verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimento, se deseja encarecer a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou favorece:

Amar a Deus sobre todas as coisas.
Consolou aos amigos.

c) quando se deseja evitar confusão de sentido, principalmente quando ocorre:

1) inversão (o objeto direto vem antes do sujeito):

A Abel matou Caim.

2) comparação:

“Isto causou estranheza e cuidados ao amorável Sarmento, que prezava Calisto como a filho” [CBR.1, 80].

d) na expressão de reciprocidade: um ao outro, uns aos outros:

Conhecem-se uns aos outros.

e) com o pronome relativo quem:

Conheci a pessoa a quem admiras.

f) nas construções paralelas com pronomes oblíquos (átonos ou tônicos) do tipo:

“Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os, e aos leais” [AH.3, 102].

g) nas construções de objeto direto pleonástico, sem que constitua norma obrigatória:

“Ao ingrato, ou não o sirvo, porque (para que) me não magoe” [RLb.2, 278].

Portanto, as evidências sintáticas acima de que o objeto direto pode ser preposicionado derruba a crença de que a única forma de identificar o objeto direto é a falta de preposição, trazendo um novo domínio de reflexão para o ensino de sintaxe.

A nosso ver, a aplicação de testes pelos docentes é uma boa estratégia pedagógica para o ensino de sintaxe, visando ao estabelecimento de contraste entre diferentes complementos verbais.

Como já mencionado anteriormente e o que vem sendo um dos pontos de destaque desta investigação é a grande confusão classificatória causada ao identificarmos um sintagma preposicionado ocupando a posição argumental do verbo. Geralmente os livros didáticos classificam esse sintagma como objeto indireto, mas,

como já vimos em algumas gramáticas, esse complemento verbal classificado como complemento oblíquo possui outras características que o identificam como tal para além de ser introduzido por preposição (cf. Azeredo, 2010; Bechara, 2009). Vejam-se os testes apresentados por Castilho (2010, p. 305):

1. São proporcionais a pronomes-advérbios dêiticos ou a preposição + pronome:

- a. João pôs o livro nela.
- b. Saio de lá mal nasce o dia e volto aqui morto de cansaço.
- c. Viajei daqui para lá pela rodovia Bandeirantes.
- d. Chego lá com um cansaço precoce, coisas da grande cidade.
- e. Fui lá com ela e voltei com outra, não estou entendendo nada.
- f. Preciso disso, caso contrário...
- g. Não gosto de assistir a elas.

2. Ocorrem como argumento interno único da sentença, coocorrem com o objeto direto:

João pôs o livro nela.

3. Ocorrem mais frequentemente com verbos de movimento:

- a. Saio de lá mal nasce o dia e volto aqui morto de cansaço.
- b. Fui lá com ela e voltei com outra, não estou entendendo nada.

4. Exploram com frequência os papéis temáticos /locativo/, (i) apresentado em sua genericidade em a), (ii) especificado como /alvo/ em b), (iii) especificado como /origem/ e /alvo/ em c), e (iv) /comitativo/ em d):

- a. João pôs o livro nela.
- b. Chego lá com um cansaço precoce, coisas da grande cidade.
- c. Viajei daqui para lá pela rodovia Bandeirantes.
- d. Fui lá com ela e voltei com outra, não estou entendendo nada.

Segundo Perini (2010, p. 80), é preciso considerar que a tradição dentro do contexto escolar vem sendo priorizada sobre a inovação nos estudos da linguagem, preferindo a gramática normativa e, por muitas vezes, sem considerar a funcionalidade dos sintagmas. Há uma ideia equivocada nessa priorização. É preciso ponderar que há a necessidade de uma nova dinâmica no estudo da língua.

Não há dúvidas de que há um problema na classificação tradicional da transitividade. Alguns verbos como *comer* podem ser classificados como transitivos ou intransitivos, e algumas gramáticas sugerem, para resolver esse entrave, que a transitividade depende, não dos verbos, mas do contexto (Perini, 2010), o que desencadeia uma problemática para o estudo sintático no que compete à ideia de transitividade.

4 A abordagem dos complementos verbais nos livros didáticos

Pensando na transposição dos conteúdos gramaticais no ensino básico, os livros didáticos são ferramentas didáticas fundamentais para análise, teorização, compreensão, exemplificação e prática.

Ao selecionarmos livros didáticos adotados para o 7º e 8º anos do ensino fundamental, visando à comparação de sua abordagem sobre os complementos verbais com a abordagem das gramáticas discutidas na seção anterior, verificam-se divergências entre as gramáticas prescritivas e descritivas, na forma de categorizar, analisar e dispor as informações. Para além disso, há uma limitação na forma da representação dos argumentos verbais, uma vez que não se considera a variabilidade da predicação verbal, como apontam Cunha e Cintra (2016) ao exemplificar o verbo *perdoar* (p. 152) que pode mudar de transitividade.

De início, ao analisarmos o que se apresenta nos livros do sétimo ano, há uma continuação do conteúdo que costuma ser introduzido no sexto ano do ensino fundamental: a predicação verbal, os verbos de ligação e os verbos que expressam ação. Portanto, iniciam-se os estudos sobre os predicados e a transitividade verbal. Observe-se como a transitividade verbal é apresentada no livro publicado pela Editora Conquista adotado no 7º Ano do Ensino Fundamental II:

Figura 1: Transitividade verbal



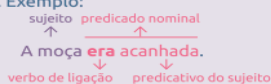
estudo da língua

Transitividade verbal I

Podem aparecer dois tipos de verbo em uma oração: de ligação ou significativo.

Verbo de ligação

Os verbos de ligação não informam algo sobre o sujeito; eles têm apenas a função de ligar o sujeito ao predicativo do sujeito. Exemplo:



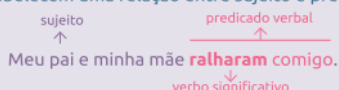
Nesse período, atribui-se ao sujeito (a moça) uma característica – acanhada. O verbo **ser** tem a função de estabelecer uma relação entre o sujeito e a característica dada a ele. Essa característica exerce o papel de **predicativo do sujeito**. Nesse caso, o predicado é **nominal**.

Estrutura de orações com verbo de ligação		
sujeito	verbo de ligação	predicativo do sujeito
predicado nominal		
Principais verbos de ligação	Exemplos	
ser	A terra é boa.	
estar	A terra está arável.	
permanecer	A terra permanece sustentável.	
parecer	A terra parece seca.	
ficar	A terra ficou produtiva.	
virar	A terra virou agricultável.	
viver	A terra vive úmida.	

Principais verbos de ligação	Exemplos
continuar	A terra continua produtiva.
tornar-se	A terra tornou-se importante.
andar	A terra anda enfraquecida.

Verbos significativos

Os verbos significativos expressam, eles mesmos, uma informação, diferentemente dos verbos de ligação, que estabelecem uma relação entre sujeito e predicativo do sujeito.



Fonte: Conquista Solução Educacional (2024, p. 37)

No tópico “transitividade verbal I”, é abordada a diferença entre verbos de ligação e verbos significativos e a formação dos predicados quando há como núcleo do sintagma um desses verbos. Os verbos de ligação são explicados como aqueles que têm unicamente a função de ligar o sujeito a uma característica, e os verbos significativos são os que expressam uma informação através de si mesmos. Nas gramáticas analisadas, encontramos a nomenclatura *verbo transitivo*, porém é comum encontrarmos, em livros didáticos, a expressão “verbos significativos”. Isso evidencia a discussão feita por Câmara (2010) ao abordar as divergências verificadas entre a nomenclatura dos termos utilizada pela NGB e a nomenclatura adotada em alguns materiais didáticos. Nesse caso, a explicação trazida pelo livro didático é simplista para

um primeiro contato com a transitividade verbal, pois o foco é só definir e apresentar uma lista de exemplos, uma abordagem muito similar a da gramática tradicional. Além disso, não há espaço para a aplicação de testes que identifiquem, por exemplo, o predicativo do sujeito. Observe-se como o exercício foi proposto após a apresentação do conteúdo:

Figura 2: Proposta de atividades voltadas à classificação de verbos

- 1 Analise as frases a seguir e marque aquela que **NÃO** apresenta um verbo de ligação.
 - a) () A moça era bonita.
 - b) () A moça estava aborrecida.
 - c) () A moça parece descontente.
 - d) (x) A moça voltou ao céu.
- 2 Alguns verbos podem ser de ligação ou significativos, a depender do contexto. Quando são **de ligação**, são seguidos de um adjetivo; quando são **significativos**, em geral, são seguidos de uma expressão de lugar. Analise as orações e classifique os verbos.
 - a) O narrador continuou na sala. Verbo significativo
 - b) O narrador continua rouco. Verbo de ligação
 - c) Ele permaneceu na cidade. Verbo significativo
 - d) Ele permaneceu calado. Verbo de ligação
 - e) Ele anda nervoso. Verbo de ligação
 - f) Ele anda no parque. Verbo significativo
 - g) Ele vive no interior. Verbo significativo
 - h) Ele vive chateado. Verbo de ligação
- 3 Classifique os termos grifados nas orações a seguir em: sujeito, verbo significativo, verbo de ligação e predicativo do sujeito.
 - a) A moça trouxe algumas sementes. Verbo significativo
 - b) O indígena plantou bananeiras, manivas, batatas e inhames. Sujeito
 - c) Não existiam frutos e legumes. Sujeito
 - d) Ela permanecia calada. Predicativo do sujeito
 - e) Ela tornou-se respeitada pela tribo. Verbo de ligação

Fonte: Conquista Solução Educacional (2024, p. 37)

Na atividade proposta, as questões voltam-se apenas à identificação e à classificação de verbos e termos oracionais em frases soltas, o que torna a proposta muito mecânica e longe de levar a reflexão do aluno sobre o funcionamento sintático do português brasileiro, tomando por base os usos da língua. Esse tipo de atividade atende em parte o que está previsto na BNCC para o tratamento da predicação, transitividade verbal, pois desconsidera o trabalho com a língua em diferentes contextos de uso e em diferentes modalidades:

COMPETÊNCIA: 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual

HABILIDADE: (EF07LP05) Identificar, em orações de textos lidos ou de produção própria, verbos de predicação completa e incompleta: intransitivos e transitivos. (p. 171)

Após o panorama introdutório sobre os tipos de verbos (ligação e significativos), o livro didático passa a focar a transitividade verbal dos verbos significativos através de definições seguidas de exemplos, uma situação que se assemelha muito à abordagem das gramáticas prescritivas, conforme segue:

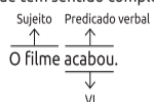
Figura 3: Transitividade dos verbos significativos

Transitividade verbal II

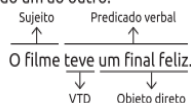
Classificação dos verbos significativos

Os verbos significativos podem ser intransitivos ou transitivos.

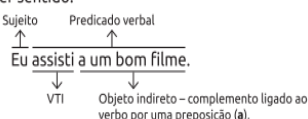
Verbo intransitivo (VI) – aquele que tem sentido completo.



Verbo transitivo direto (VTD) – aquele que precisa de um complemento para ter sentido sem que haja preposição ligando um ao outro.



Verbo transitivo indireto (VTI) – aquele que precisa de um complemento, ligado ao verbo por uma preposição, para ter sentido.



Verbo transitivo direto e indireto (VTDI) – aquele que apresenta dois complementos (com e sem preposição).



Fonte: Conquista Solução Educacional (2024, p. 56)

Verificando os exemplos, observo que a regência do verbo *assistir* classificado como transitivo indireto segue a prescrição gramatical ao exigir um complemento preposicionado introduzido pela preposição *a*, no entanto, conforme já destacado na gramática de Azeredo (2010), essa preposição, por seu esvaziamento semântico, não tem sido produzida na língua falada do português brasileiro, mudando a transitividade do verbo para um verbo transitivo direto. Essa situação não é abordada no livro

didático, o que compromete uma reflexão em sala de aula sobre os múltiplos usos da língua no âmbito da sintaxe da complementação verbal. Além dessa lacuna, verificamos que não há, por exemplo, a apresentação do objeto direto preposicionado e dos complementos pleonásticos.

Em continuação ao tratamento da temática, são apresentadas propostas de atividades que focalizam apenas a identificação e a classificação de estruturas tal como verificado nos manuais gramaticais:

Figura 4: Proposta de atividades voltadas à classificação da transitividade verbal

- 5** Analise os períodos, conforme solicitado a seguir.
- ▶ Grife os complementos verbais (objeto direto e objeto indireto).
 - ▶ Classifique os verbos em transitivos diretos (TD) e transitivos indiretos (TI).
- a) (**TD**) Antes das refeições, lave as mãos.
- b) (**TI**) Nosso trabalho depende de segurança.
- c) (**TI**) Obedeça às normas de segurança.
- d) (**TD**) Mantenha o ambiente limpo.
- e) (**TD**) Siga o procedimento operacional.
- f) (**TD**) Use equipamentos de segurança.
- g) (**TI**) Confiamos em nossa equipe.

- 6 Assinale a alternativa que classifica correta e respectivamente os termos em destaque das frases a seguir.

A professora leu **livros novos** nas férias.

Os alunos **precisam** de atenção e determinação para passar de ano.

O funcionário **entregou** o documento ao cliente.

- a) Objeto direto, VTDI, VTI.
- b) Objeto indireto, VTDI, VTD.
- c) Objeto indireto, VTI, VTDI.
- x d) Objeto direto, VTI, VTDI.
- e) Objeto indireto, VTD, VTDI.

► Uma dessas frases tem um VTDI. Reescreva, a seguir, cada um dos objetos dela, conforme se pede.

Objeto direto: o documento

Objeto indireto: ao cliente

► Agora, escreva mais duas frases que sejam compostas de VTDI.

Pessoal. Sugestões: O diretor transmitiu felicidades à equipe.

Ele enviou flores à namorada.

- 7 Sobre a transitividade verbal é correto afirmar que
- a) os verbos transitivos diretos se ligam aos objetos diretos por meio de uma preposição.
 - x b) os verbos transitivos diretos e indiretos possuem dois objetos: um objeto direto e um indireto.
 - c) os verbos transitivos diretos e indiretos possuem apenas objeto indireto.
 - d) os verbos transitivos possuem objeto ligado a eles sem preposição.
 - e) os verbos transitivos indiretos possuem objeto ligado a eles sem preposição.
- 8 Assinale a alternativa em que o verbo é intransitivo, ou seja, não precisa de complemento.
- a) Evite acidentes.
 - b) Não jogue papel no chão.
 - c) Acenda os faróis.
 - d) Desligue os faróis.
 - x e) Não buzine em frente de hospitais.

Esclareça aos alunos que o termo "em frente de hospitais" não complementa o sentido do verbo "buzine", mas sim apresenta uma circunstância de lugar. Relembre-os da função dos advérbios. Mais à frente, serão estudados os adjuntos adverbiais.

Fonte: Conquista Solução Educacional (2024, p. 74)

A atividade proposta após a explicação e descrição feita sobre os complementos verbais, o livro propõe uma atividade sobre os complementos verbais. Embora a abordagem seja sobre os objetos verbais, ela continua não refletindo sobre o papel desses complementos, além de fazer classificações diferentes daquilo que propõem Castilho (2010) e Bechara (2009). Na gramática de ambos os autores, os complementos preposicionados em (5b) e (5g) seriam classificados como complementos oblíquos.

Na continuação da atividade, a questão 7 aborda novamente a transitividade verbal, tentando apresentar características dos verbos transitivos. Nas gramáticas analisadas, descritivas ou prescritivas, encontram-se outros objetos verbais. Na gramática de Castilho (2010), há referências ao complemento oblíquo, ao objeto direto preposicionado e aos objetos direto pleonástico e indireto pleonástico. Na gramática de Cegalla (2010) é possível encontrar, mesmo que sem as reflexões propostas em gramáticas descritivas, as mesmas referências.

Analisando a perspectiva de análise linguística proposta pelo livro didático publicado pela Editora, são perceptíveis, por exemplo, (i) o trabalho com frases soltas, descontextualizadas, (ii) o enfoque dado à definição, à classificação e à identificação de estruturas e (iii) a ausência de propostas que levem a uma reflexão sobre o funcionamento da transitividade verbal em diferentes modalidades de uso da língua, o que vai na direção de uma abordagem gramatical de cunho prescritivo.

Visando a uma comparação entre livros didáticos no que se refere à abordagem dos complementos verbais, selecionamos um segundo livro adotado para o 7º ano e publicado pela Editora Plural. De início, verificamos como os tipos de verbos ligam-se aos tipos de predicado através de uma abordagem contextualizada, partindo do trabalho com o gênero textual, a saber: o miniconto. Tal perspectiva vai de encontro à abordagem do primeiro livro didático. Veja-se, na Figura 5, como a temática e as propostas de atividades são apresentadas:

Figura 5: A relação entre transitividade e predicado

3. Estudo da língua – O predicado no texto narrativo

Considere o miniconto a seguir:



- Que características desse texto comprovam tratar-se de um miniconto?
- Apesar de sua brevidade, o miniconto conseguiu representar, ao menos, duas vozes na composição do texto. Quais são elas?

Podemos lançar, sobre esse texto, uma interpretação pessimista ou otimista, dependendo da forma como encarmos a palavra “nada”.

- Para uma leitura pessimista, a palavra “nada” deve atuar como:
 - () um verbo.
 - () um substantivo.
 - () um pronome indefinido.
- Nesse caso, como deveria ser analisada a resposta dada pelo “mar”?
- Já para uma leitura otimista, a palavra “nada” deve ser classificada como:
 - () um verbo.
 - () um substantivo.
 - () um pronome indefinido.
- Nesse caso, qual é o sentido da resposta?

O verbo é o núcleo da oração. Esse miniconto tem, no mínimo, três verbos.

- Qual é o verbo responsável, nesse miniconto, por iniciar a ação narrativa?
- Em que modo e tempo está conjugado?
- Trata-se de um verbo de ação ou de ligação?
- Como se classifica o predicado que possui um verbo como esse?

() Predicado verbal () Predicado nominal

O miniconto é um texto que se vale da síntese e da brevidade, por isso não investe em longas caracterizações do espaço e dos personagens, como tende a ocorrer em contos mais extensos. Nessas descrições tradicionais, é muito comum encontrarmos verbos de ligação, ou seja, aqueles que ligam o sujeito a um estado ou característica. Consequentemente, esses predicados são classificados como **nominais**.

Ex.:

A praia *era* linda.

O mar *estava* agitado.

No miniconto, porém, a ação é determinante, pois o narrador precisa ir direto ao ponto. Quem faz uma confissão ao mar procura a solidão, o isolamento, um tempo de reflexão. A resposta, surpreendente, revela-se ambígua: vem em forma de pronome, se for para confirmar a angústia (“O mar não disse nada!”), ou como verbo, se for para provocar a transformação (“Liberte-se! Nade!”).

O **predicado verbal** é, pois, o responsável por instaurar a ação em um enunciado. Conjugado no *passado* ou no *presente histórico*, ele configura todo o contexto da ação narrativa: quem, onde, quando, como e por quê. Todas essas informações surgem a partir da ação verbal.

Fui me confessar ao mar.

↓
Quem foi? Quando foi? Como foi? Por que foi?

É o verbo que detalha a ação, indicando se ela partiu de um sujeito e se estendeu a outro objeto ou não. Dizemos, assim, que os verbos de ação podem ser:

- **Intransitivos** → quando assinalam uma ação que não transita, que não se movimenta, que não sai do sujeito, dizendo respeito somente a ele.

Ex.:

O mar *parou*.

O mar *meditou*.

O mar *emudeceu*.

- **Transitivos** → quando indicam uma ação transitiva, que se movimenta, que parte do sujeito e recai sobre um objeto. A ação não se completa por si só e necessita de um complemento para se efetivar.

Ex.:

Eu entendi o problema. (Entendi o quê? O problema.)

Eu perguntei ao mar. (Perguntei a quem? Ao mar.)

Eu consegui a resposta. (Consegui o quê? A resposta.)

Os verbos transitivos, por sua vez, podem ser classificados nos seguintes tipos:

- I. **Transitivos diretos** → quando não existe nenhum obstáculo, sob a forma de preposição, entre o verbo e o objeto que o complementa.

Ex.:

Eu percebi o problema.

Eu busquei ajuda.

II. **Transitivos indiretos** → quando é necessário empregar uma preposição entre o verbo e o objeto que o complementa.

Ex.:
Fui confessar ao mar. (prep. "a" + artigo "o")
O mar respondeu a mim.

As preposições mais comuns na língua portuguesa são *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre* e *trás*.

III. **Transitivos diretos e indiretos ou bitransitivos** → quando a ação recai sobre dois objetos ao mesmo tempo: um sem preposição (direto) e outro com preposição (indireto).

Confessei ao mar minhas angústias.
O.I. O.D.
O mar deu a mim sua resposta.
O.I. O.D.

Quando classificamos um verbo de ação, estamos analisando sua predicação ou sua transitividade, ou seja, a forma como ele se relaciona com outros termos da oração. Estes podem ser integrantes (como os objetos, cuja função é integrar o sentido dos verbos) ou apenas adjuntos, que são termos acessórios. A diferença entre um objeto e um adjunto está na necessidade desses elementos na construção sintática da oração.

Ex.:
Eu fui à praia.
verbo intransitivo

A ação do verbo "ir" diz respeito somente ao sujeito. A expressão "à praia" é um adjunto adverbial, indicando um lugar (Eu fui aonde?), e não um complemento. Portanto, o verbo "ir" é intransitivo. Podemos dizer, por exemplo, que "o dinossauro foi" (sem complemento), como dizemos "o dinossauro voltou", "o dinossauro ficou", etc.

Ex.:
Eu visitei a praia.
verbo transitivo

Nesse caso, embora o verbo "visitar" tenha sentido aproximado ao de "ir", ele estabelece uma relação diferente com os termos da oração. A ação parte do sujeito ("eu") e recai sobre o objeto ("a praia").

Atenção! Às vezes, o mesmo verbo recebe classificações diferentes, por isso ele deve ser analisado em cada contexto.

Ex.:
Eu **pensei** muito. → verbo intransitivo ("muito" não é um termo essencial, mas um adjunto adverbial de intensidade.)
Eu só **pensei** bobagens. → verbo transitivo direto (Pensei o quê? Bobagens.)
Eu **pensei** em você! → verbo transitivo indireto (Pensei em quem? Em você.)

O dicionário normalmente indica a transitividade mais comum dos verbos, mas, nos gêneros textuais poéticos, os autores podem mudá-la, atribuindo novos sentidos às palavras.

» VOCÊ VAI VER...

Ainda neste volume, você vai conhecer melhor os adjuntos adverbiais, termos que podem agregar novo sentido aos verbos de ação (e também a adjetivos e a advérbios), mas que são apenas acessórios na oração, ou seja, não são obrigatórios.

Atividades

9. Localize os verbos de cada oração e classifique-os em transitivos ou intransitivos:
 - a. Li, durante a noite, um livro de minicontos de Dalton Trevisan.
 - b. O livro recomendado pelo professor já esgotou.
 - c. Os minicontos possuem todos os elementos essenciais da narrativa.
 - d. Normalmente, os minicontos tratam de temas urbanos.
 - e. Os minicontos surgiram na década de 1960.
10. Identifique se os termos grifados nas orações a seguir são objetos ou adjuntos:
 - a. Jorge saiu de casa às 8h em ponto.
 - b. Na livraria, presenciamos o lançamento do novo livro de Ana Mello.
 - c. Ninguém assistiu ao novo episódio da série.
 - d. Os diretores avaliaram as propostas do diretório acadêmico.
 - e. Essa espécie de orquídea floresce nessa época do ano.

Fonte: SOMOS Sistemas de Ensino,. Língua Portuguesa – 7.º ano (2024, p. 321)

Após a apresentação do miniconto, são apresentadas questões voltadas aos tipos de predicado e à transitividade verbal cujas respostas devem ser formuladas, partindo de uma reflexão sobre o contexto de uso dos núcleos verbais e nominais que integram as orações, o que diferencia essa abordagem das gramáticas prescritivas cujos exercícios baseiam-se em frases soltas.

No entanto, apesar do viés funcional adotado, em certa medida, pelo livro, há atividades propostas que ainda se voltam exclusivamente à identificação e classificação de estruturas (cf. questões 9 e 10). Em adição, as classificações relativas aos complementos verbais, em particular, evidenciam lacunas e imprecisões. Por exemplo, ao se referir aos verbos transitivos diretos, recorre-se como evidência a ausência de preposição ao introduzir os complementos, o que se configura em um problema, haja vista que há complementos diretos preposicionados (cf. Cegalla, 2010; Rocha Lima, 2011; Castilho, 2010). Além disso, confunde-se a ideia de

complementação com a de adjunção ao trazer como exemplo a oração *Eu fui à praia* cujo sintagma preposicionado é classificado como adjunto adverbial de lugar e não um complemento oblíquo (ou, em outras palavras, um complemento circunstancial de lugar).

Na gramática de Rocha Lima (2011), há a classificação de complemento relativo acompanhando o verbo *ir* na frase apresentada por ele como exemplo: *Irei a Roma e jantarei em Roma*. (p. 311). Porém, na gramática de Cegalla (2010) e na gramática de Almeida (2009), encontramos a classificação desse termo preposicionado como adjunto adverbial. Eis, portanto, um dos desafios observados para o ensino de sintaxe! Para diminuir as dúvidas sobre a natureza desse sintagma, seria crucial a aplicação dos seguintes testes, tal como defendido por Castilho (2010, p. 305) :

1. São proporcionais a pronomes-advérbios dêiticos ou a preposição + pronome: a) João pôs o livro *nela*. [...]
2. Ocorrem como argumento interno único da sentença, coocorrem com o objeto direto, como em: João pôs o livro *nela*. [...]
3. Ocorrem mais frequentemente com verbos de movimento [...]
4. Exploram com frequência os papéis temáticos /locativo/, (i) apresentado em sua genericidade [...], (ii) especificado como /alvo/ [...], (iii) especificado como /origem/ e /alvo/ [...], e (iv) /comitativo/ [...].
5. A troca da preposição *a* por *em* assegura que a mesma palavra ora funcione como objeto indireto, ora como oblíquo [...]

Portanto, o verbo *ir* não é um verbo intransitivo na oração: *Eu fui à praia*, mas transitivo indireto, ao contrário de como é classificado no livro didático. É importante que, para o entendimento da transitividade desse verbo, a estrutura argumental desse predicador verbal seja considerada, a saber: (i) argumento 1: quem vai ou o que vai (*função semântica*: Tema (*Eu*)) e (ii) argumento 2: para onde vai (*função semântica*: Meta (*à praia*)):

___ IR ___
Tema Meta

O constituinte com função semântica Meta ocupa na sintaxe a posição de complemento oblíquo, o qual é sempre introduzido por preposição. Há casos ainda em que o verbo é transitivo direto e indireto, mas o complemento introduzido pela preposição não é um objeto indireto, mas um complemento oblíquo. Na oração: *João colocou os livros na estante*, o predicador verbal *colocar* exige três argumentos: (i)

argumento 1: quem coloca (função semântica: Agente (*João*)), (ii) argumento 2: o que é colocado (função semântica: Paciente (*os livros*) e (iii) onde se coloca (função semântica: Locativo (*na estante*)):

_____ COLOCAR _____
 Agente Paciente Locativo

Enfocando os adjuntos, é apresentado o seguinte esquema que mostra diferentes possibilidades de ocorrência desses constituintes com distintos tipos de verbos. Nesse esquema, a posição dos adjuntos é sempre à direita da oração:

Figura 6: Uso de adjuntos adverbiais em predicados verbais

Se considerarmos os verbos intransitivos, teremos, então, quatro estruturas para um predicado verbal:



Fonte: SOMOS Sistemas de Ensino,. Língua Portuguesa – 7.º ano (2024, p. 337)

No entanto, é sabido que adjuntos adverbiais podem ocupar diferentes posições na frase e, a depender de sua posição, diferentes leituras semânticas poderão ser verificadas, uma situação que poderia ser explorada contextualmente em diferentes gêneros textuais. Nas orações, a seguir, a depender da posição sintática do adjunto adverbial *provavelmente*, a leitura de escopo será diferente. Além disso, observamos que há posições que não estão previstas nas gramáticas prescritivas, pois esse adjunto pode ocorrer junto a constituintes que não são adjetivais ou adverbiais (cf. (10a), (10d) e (10e)):

(10)a. Provavelmente o aluno devolveu o livro para o professor.

- b. O aluno *provavelmente* devolveu o livro para o professor.
- c. O aluno devolveu provavelmente o livro para o professor.
- d. O aluno devolveu o livro *provavelmente* para o professor.
- e. O aluno devolveu o livro para o professor *provavelmente*.

A partir de agora, centraremos a atenção na abordagem dos complementos verbais no livro didático publicado pela Editora Conquista e adotado para o 8º ano no Ensino Fundamental. Para tanto, a transitividade verbal foi considerada, conforme consta na discussão realizada e nas atividades propostas:

Figura 7: Transitividade e complementação verbal

Transitividade verbal

Leia este texto publicado na seção de meteorologia de um jornal. Em seguida, grife com um traço as formas verbais e com dois traços as expressões adverbiais de tempo e lugar.

Calor com pancadas de chuva em todo o estado

Nesta quinta-feira o tempo permanece instável em grande parte do Sul do Brasil. No Paraná as chuvas ocorrem a partir da tarde. O calor perde um pouco da intensidade, mas, mesmo assim, continua muito abafado ao longo do dia. As chuvas previstas são típicas de verão: rápidas e isoladas.

Wagner Souza. 2014. Digital.



CALOR com pancadas de chuva em todo o estado. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 2 jan. 2014. Vida e Cidadania, p. 10.

- 1 Quais são as expressões adverbiais de tempo encontradas?

"Nesta quinta-feira"/"a partir da tarde"/"ao longo do dia."

- 2 Quais são as expressões adverbiais de lugar encontradas?

"em todo o estado"/"em grande parte do Sul do Brasil"/"No Paraná".

- 3 Em quais frases, depois da forma verbal, há uma palavra que qualifica o sujeito, isto é, um adjetivo? Sublinhe o adjetivo e marque um X diante da frase.

- a) (☒) A estação permanece chuvosa.
- b) (☐) A tempestade ocorreu às 17 horas.
- c) (☐) Os meninos perderam o guarda-chuva.
- d) (☒) O tempo continua instável.
- e) (☒) As chuvas são isoladas.



4 Entre as frases do exercício anterior que não apresentam adjetivo, transcreva aquela em que a forma verbal

a) precisa de um complemento para ter sentido.

Os meninos perderam o guarda-chuva. (Objeto direto: o guarda-chuva.)

b) tem sentido completo, isto é, não precisa de complemento.

A tempestade ocorreu às 17 horas. (A expressão "às 17 horas" é adverbial de tempo e não completa o sentido do verbo, que é intransitivo.)

Os verbos podem ser significativos e não significativos.

Os verbos **significativos**, ou seja, aqueles que exprimem processos, são de dois tipos:

- **verbos intransitivos**
- **verbos transitivos**
 - diretos
 - indiretos
 - diretos e indiretos

• Os **verbos intransitivos (VI)** são aqueles cujo processo envolve apenas o sujeito, isto é, são verbos que não precisam de complemento, pois têm sentido completo. Exemplo:

Os escritores leem.

predicado verbal
VI

• Os **verbos transitivos diretos (VTD)** são verbos que, para fazerem sentido, necessitam de complemento. A relação entre o verbo e seu complemento (**objeto direto**) ocorre **sem preposição**. Exemplo:

Os leitores leram o livro.

predicado verbal
VTD objeto direto

* o verbo ler é classificado como intransitivo e também como transitivo direto.

• Os **verbos transitivos indiretos (VTI)** são aqueles que, para fazerem sentido, necessitam de complemento. A relação entre o verbo e seu complemento (**objeto indireto**) ocorre **com preposição**. Exemplo:

Os leitores simpatizaram com o jornalista.

preposição
VTI objeto indireto
predicado verbal

• Os **verbos transitivos diretos e indiretos (VTDI)** estabelecem duas relações, e seus complementos são introduzidos sem preposição (**objeto direto**) e com preposição (**objeto indireto**). Exemplo:

Os leitores escrevem cartas para os jornais.

preposição
VTDI objeto direto objeto indireto
predicado verbal

Para lembrar

As **preposições** são: a, ante, até, após, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Fonte: Conquista Solução Educacional (2024, p. 72)

Para introduzir a temática, é apresentado um texto publicado em um jornal, mas nenhuma discussão é feita sobre o uso da transitividade de diferentes verbos nesse texto, o que implica uma total desconsideração da perspectiva funcional, pois o texto serve de pretexto para apenas permitir a identificação de sintagmas adjetivais, adverbiais e verbais.

No que se refere à transitividade verbal, distinguem-se verbos significativos de verbos não-significativos. Sobre os verbos transitivos diretos, à semelhança da abordagem do livro didático do 7º Ano, o critério para defini-los é a presença de um complemento sem preposição, o que é limitante quando há objetos diretos preposicionados. Além disso, ao abordar os verbos transitivos indiretos, escolhe-se uma oração com o verbo *simpatizar* e classifica-se seu complemento como objeto indireto, o que é um problema quando aplicados os testes apresentados nas gramáticas descritivas. Para esse caso, o complemento deve ser considerado um complemento oblíquo (um complemento relativo), seguindo os testes apresentados

nessas gramáticas. Nesse caso, é perceptível que há uma total desconsideração desse tipo de complemento verbal, o que torna a classificação incoerente e desconexa com o que se apresenta nos estudos linguísticos e em algumas gramáticas prescritivas. Observe, a seguir, que os complementos oblíquos não estão contemplados nos enunciados das questões e nas respostas dadas no livro do professor:

Figura 8: Atividades voltadas à transitividade e à complementação verbal

- 6** Analise os períodos a seguir e faça o que se pede.
- ▶ Grife os complementos verbais (objeto direto ou objeto indireto).
 - ▶ Classifique os verbos em transitivo direto (TD) ou transitivo indireto (TI), conforme o caso.
- a) (TD) Comprou um computador novo.
 - b) (TI) As crianças precisam de atenção.
 - c) (TD) Os funcionários aceitaram o acordo.
 - d) (TD) A chuva forte derrubou muitas árvores antigas.
 - e) (TI) A prefeitura necessita de mais funcionários.
 - f) (TI) Não acredito em milagres.
 - g) (TI) Neste final de semana, assisti a um bom filme.
- 7** Os verbos das frases a seguir são transitivos diretos e indiretos. Transcreva o que se pede. 3
- a) Recebi muitos elogios do professor.
Objeto direto: muitos elogios Objeto indireto: do professor
 - b) Agradei à professora os elogios.
Objeto direto: os elogios Objeto indireto: a professora
 - c) Ela deu o dinheiro a um necessitado.
Objeto direto: o dinheiro Objeto indireto: a um necessitado
 - d) Emprestei meu livro para um colega.
Objeto direto: meu livro Objeto indireto: para um colega
 - e) Paguei a conta ao banco.
Objeto direto: a conta Objeto indireto: ao banco
 - f) O jogador perdeu aos adversários as ofensas.
Objeto direto: as ofensas Objeto indireto: aos adversários
- 8** Nos períodos a seguir, há adjuntos adverbiais, que não podem ser confundidos com os complementos verbais, que são: objeto direto e objeto indireto. Sublinhe os adjuntos adverbiais e classifique os verbos em
- (VI) intransitivo. (TD) transitivo direto. (TI) transitivo indireto.
- a) (VI) Ele brincou no pátio.
 - b) (TD) Você encontrou o seu amigo no estádio?
 - c) (VI) Almocei no shopping.
 - d) (VI) Gritei muito durante o jogo.
 - e) (VI) Pedro brincou desde ontem com os avós.
 - f) (TD) Comprei o ingresso na internet.
 - g) (TI) Pensei ontem em suas palavras.
 - h) (TI) Assisti ao jogo na casa do meu pai.

Fonte: Conquista Solução Educacional (2024, p. 74)

Na questão 7, por exemplo, ao trabalhar com verbos transitivos diretos e indiretos, são escolhidos verbos que só pedem como complementos preposicionados argumentos cuja função semântica é Alvo/ Beneficiário. No entanto, ao focar apenas predicadores verbais que selecionam esse tipo de função, deixa-se de lado outros verbos transitivos diretos e indiretos que selecionam complementos preposicionados representados por argumentos com função semântica Locativo, a exemplo do constituinte destacado, a seguir, que é um complemento oblíquo:

(11) Eu coloquei as roupas *no guarda-roupa*.

Segundo a BNCC, os conteúdos gramaticais precisam evoluir de forma progressiva para que os alunos consigam desenvolver habilidades e competências que contemplem, por exemplo, a competência geral: “(EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.” (p. 171) e a competência específica: “(EF07LP08) Identificar, em textos lidos ou de produção própria, adjetivos que ampliam o sentido do substantivo sujeito ou complemento verbal.” (p. 171). Porém, as atividades propostas e analisadas até o momento, bem como as explicações formuladas sobre a transitividade e a complementação verbal apresentam-se limitantes e problemáticas em termos da classificação dos tipos de complementos. Além disso, ao apresentar frases soltas, totalmente descontextualizadas, desconsidera-se o trabalho com o funcionamento da língua em diferentes contextos de comunicação.

Em continuidade, o livro apresenta uma discussão um pouco mais ampla sobre a transitividade e a complementação verbal e ainda insiste em desconsiderar a existência dos complementos oblíquos e a distinguir objetos diretos de objetos indiretos apenas pela ausência e presença da preposição, respectivamente, o que não é um bom critério para identificar os objetos diretos, conforme já mencionado neste estudo.

Por sua vez, ao classificar o verbo *viver* como intransitivo na oração *Paulo e sua família vivem no Japão*, incorre-se em um erro, pois a semântica desse predicador verbal exige um argumento com função semântica Locativo à semelhança de verbos como *morar*, *residir* (cf. Rocha Lima, Ataliba de Castilho), o que implica dizer que não se trata de um adjunto adverbial de lugar, mas de um complemento oblíquo. Portanto, o verbo é transitivo indireto e não intransitivo.

Figura 9: Análise da transitividade e da complementação verbal

3. Estudo da língua – Transitividade verbal e complemento verbal

Observe a oração:

Paulo e sua família vivem no Japão.

- Identifique e classifique o sujeito dessa oração.
- Que informações o predicado traz sobre esse sujeito?
- Classifique esse predicado.
- Qual é o núcleo do predicado?
- Trata-se de um verbo de ação ou de um verbo de estado?
- A expressão “no Japão” é essencial para compreender esse fato ou se trata de uma informação acessória, que amplia a oração, oferecendo detalhes da ação principal?

Como você já estudou, o predicado verbal é aquele que traz, como único núcleo, um verbo de ação. Esse verbo pode ser classificado como **intransitivo** ou **transitivo**.

O **verbo intransitivo** é aquele cuja ação não transita, ou seja, limita-se ao sujeito, sem que envolva ou recaia sobre um objeto, não precisando de nenhum complemento para ter significação completa. Veja alguns exemplos:

*As crianças **brincam**.*

*Os pais **trabalham**.*

Observe que, em ambos os casos, os verbos têm sentido completo, de modo que não necessitam de complementos. Há casos em que podemos inserir informações acessórias, mas elas não são essenciais para compreender o enunciado. Foi o que ocorreu com a oração que abriu esta seção:

Paulo e sua família vivem no Japão.

A forma verbal “vivem” recai apenas sobre os núcleos do sujeito (“Paulo” e “família”); o termo “no Japão” amplia a informação, indicando o local onde eles vivem, mas não é essencial para compreender o significado da ação “viver”.

Os **verbos transitivos** enunciam ações que recaem sobre o sujeito e algum objeto, envolvendo um ou mais elementos da oração.

Ex.:

*Paulo **matriculou** Lisa em uma escola japonesa.*

A ação “matricular” partiu de Paulo (o sujeito), mas também envolveu Lisa; ou seja, a ação transitou, alcançando outro elemento além do sujeito.

É importante perceber que, em certos casos, a **transitividade ou intransitividade de um verbo depende do contexto** em que ele está empregado. Veja:

*Lisa **estuda** muito.*

(verbo intransitivo)

*Lisa **estuda** a história do Japão.*

(verbo transitivo – os estudos de Lisa recaem sobre a história do Japão.)

Os verbos transitivos podem ser subdivididos em outras três categorias: **transitivos diretos**, **transitivos indiretos** e **bitransitivos**. Para compreendê-los, porém, precisamos conhecer os complementos verbais.

Os **verbos transitivos diretos** enunciam ações executadas pelo sujeito que recaem diretamente sobre um objeto, isto é, sem nenhuma mediação. Confira:

*Paulo Hirano **elogia** o sistema de ensino japonês.*

(Elogia o quê? O sistema de ensino japonês.)

Os objetos sobre os quais recaem as ações desses verbos recebem o nome de **objetos diretos**, ou seja, o complemento se liga ao verbo sem a presença de preposições. No exemplo, o objeto direto é “o sistema de ensino japonês”.

Já os **verbos transitivos indiretos** precisam de mediação para se ligar ao objeto sobre o qual recaem.

Ex.:

*Os alunos **precisam de** bons exemplos.*

(Precisam de quê? De bons exemplos.)

Note que a forma verbal “precisam” liga-se ao objeto “bons exemplos” por meio da preposição “de”. Em casos como esse, os objetos são chamados **indiretos**, ou seja, o complemento do verbo é mediado por outro elemento: as preposições.

Por fim, nos **verbos bitransitivos** (também chamados transitivos diretos e indiretos), a ação transita do sujeito para dois objetos – em um dos casos, de forma direta (objeto direto), sem mediação, e, no outro, com a mediação de uma preposição (objeto indireto). Veja:

*A professora **ajudou** Lisa **em** sua adaptação.*

(Ajudou quem? Em quê? Lisa, em sua adaptação.)

Fonte: SOMOS Sistemas de Ensino,. Língua Portuguesa – 8.º ano (2024, p. 407)

Em resumo, a discussão apresentada no livro didático, por mais que apresente exemplos, definições e classificações, ainda se limita à ideia de que a transitividade dos verbos depende do uso de preposição ou não, além de não contemplar os complementos relativos exigidos por verbos como *colocar*, *precisar*, *confiar*, *morar*, *ir*, *chegar*.

Os exercícios, a seguir, reforçam as atividades de identificar e classificar constituintes, mas essa classificação é falha, a exemplo da questão 14 que só considera dois tipos de complementos: o objeto direto e o objeto indireto. Nessa questão, os complementos preposicionados selecionados pelos verbos *cuidar* e *comprometer-se* devem ser classificados como complementos oblíquos e como objetos indiretos, pois (i) não há possibilidade de se cliticizar esses complementos por *lhe*, (ii) a

preposição que os introduz não é *a/para* e (iii) o argumento não tem função semântica Alvo/Beneficiário. Em adição, os textos verbais e não-verbais nas atividades propostas são pretextos para a produção de frases soltas e para o reconhecimento e classificação da transitividade verbal:

Figura 10: Atividades sobre transitividade e complementação verbal

Atividades
LP

12. Observe as imagens e escreva orações empregando, nos dois casos, um verbo intransitivo e um verbo transitivo:




I. _____

II. _____

I. _____

II. _____

15. Considere estes títulos de reportagem:

Escolas japonesas atraem brasileiros
Pais preferem as escolas orientais às ocidentais
Crianças cuidam da limpeza da escola
Escolas brasileiras precisam de mudanças

Complete o quadro a seguir inserindo cada título no campo apropriado. Depois, sublinhe com um traço os objetos diretos e, com dois, os indiretos:

Verbo transitivo direto	Verbo transitivo indireto	Verbo bitransitivo

13. Indique se as frases abaixo contêm verbo intransitivo (VI) ou verbo transitivo (VT):

- Paulo viajou durante horas. ()
- A lista de material de Lisa chegou. ()
- Paulo comprou o material de Lisa. ()
- Eles confiam no sistema de ensino japonês. ()
- Lisa lê muitos livros. ()
- Lisa lê bem. ()

14. Identifique, nas orações a seguir, os complementos verbais, classificando-os em objeto direto ou objeto indireto:

- Os alunos cuidam de toda a escola.
- Os alunos limpam o banheiro.
- A professora contou a novidade aos alunos.
- Todos se comprometem com a limpeza da escola.

Superdesafio
LP

Leia o texto a seguir:

No Japão, ninguém reclama dos afazeres. Nas escolas de lá, não existem refeitórios. Os alunos comem na própria sala e arrumam tudo após as refeições. Em grupos, os jovens executam várias tarefas importantes para o bem-estar de todos. Eles recebem dos pais o apoio necessário.

- Quantos verbos compõem esse trecho?
- Indique quantos e quais verbos foram empregados de acordo com a seguinte classificação:
 - Intransitivos
 - Transitivos diretos
 - Transitivos indiretos
 - Bitransitivos

Fonte: SOMOS Sistemas de Ensino,. Língua Portuguesa – 8.º ano (2024, p. 408)

As explicações e as atividades propostas, portanto, não consideram o funcionamento da transitividade e da complementação verbal, tomando por base as diferentes modalidades de uso da língua. Elas repetem os conteúdos ministrados no nível de ensino anterior (a saber: o 7º Ano), indo de encontro ao que consta na BNCC, ao defender que os conhecimentos precisam progredir gradativamente à medida que os estudantes avançam nos níveis, o que implica o reforço em torno da identificação e

classificação de estruturas, sendo esta última muito limitante e até incoerente diante do que consta em gramáticas prescritivas e algumas gramáticas descritivas. Evidências dessa situação são apresentadas pelos enunciados das questões abaixo:

Figura 11: Atividades finais voltadas à transitividade e à complementação verbal

Atividades finais
LP

16. Complete as frases a seguir com um predicado verbal. Em seguida, classifique os verbos empregados em transitivos ou intransitivos:

a) A menina _____.

b) A escola _____.

c) Os alunos _____.

17. Classifique os verbos das orações a seguir em:

- VI – verbo intransitivo;
- VTD – verbo transitivo direto;
- VTI – verbo transitivo indireto;
- VTDI – verbo transitivo direto e indireto (bitransitivo).

a) Os colegas ofereceram ajuda à Lisa. ()

b) Lisa cooperou com os colegas desde o primeiro dia. ()

c) Há muitas escolas brasileiras no Japão. ()

d) Lá existem escolas tradicionais, também. ()

18. A transitividade verbal pode variar de acordo com o contexto. Crie frases em que o verbo “passar” seja empregado como:

a) intransitivo.

b) transitivo direto.

c) transitivo indireto.

d) bitransitivo.

19. Complete as frases a seguir com dois objetos, um direto e outro indireto:

a) A colega emprestou _____.

b) O pai declarou _____.

c) Lisa recebeu _____.

d) A professora explicou _____.

20. Identifique, nas orações a seguir, os objetos diretos e/ou indiretos:

a) A menina varreu a sala e o corredor.

b) Os alunos fazem as refeições na própria sala de aula.

c) A professora entregou as provas aos alunos.

d) Todos precisam de atenção.

21. Considere a frase:

Cada um faz sua parte, e todos agradecem.

a) Quantos verbos ela possui?

b) Como eles se classificam quanto à transitividade?

c) Agora, leia a oração:

Todos agradecem a colaboração.

A transitividade do verbo “agradecer” continua a mesma? Comente.

22. Conforme estudado, objetos indiretos são termos preposicionados que completam o sentido de verbos transitivos. Com base nessa afirmação, destaque, nas frases a seguir, apenas os objetos indiretos:

a) O professor discordou do aluno naquele momento.

b) Nunca acreditei em milagres.

c) Eu admirei sua atitude, mas não gostei da sua reação.

d) Indiquei um bom médico ao meu amigo.

23. Identifique e classifique os complementos verbais presentes nas orações:

a) Devemos arrumar nossas malas agora?

b) Nós gostamos muito do filme.

c) Os alunos ganharam o melhor prêmio do torneio.

d) Entreguei alguns papéis à secretária.

e) As plantas carnívoras comem insetos.

f) Minha mãe recebeu um presente lindo.

24. Diferencie os verbos das orações a seguir no que se refere à transitividade e explique em que consiste a diferença entre eles:

I. Eu preciso muito da sua ajuda agora!

II. As pessoas descobriram o segredo da sua família.

III. Muitos perguntaram por você na festa de ontem.

IV. Não entendi o seu problema.

25. Compare as duas orações:

I. Rafael voltou uma casa.

II. Voltou Rafael para casa.

A transitividade verbal é a mesma nas orações I e II? E os dois enunciados possuem sentido semelhante? Justifique.

Fonte: SOMOS Sistemas de Ensino.

– 8.º ano (2024, p. 409)

Em linhas gerais, ao analisarmos as explicações e as sequências das atividades em livros didáticos do 7º e do 8º Anos do Ensino Fundamental II, tomando por base as limitações e incoerências classificatórias verificadas no âmbito da complementação verbal, ergue-se um desafio a ser enfrentado pelo docente de língua portuguesa: como ensinar sintaxe, nesse caso, a complementação verbal diante dessa problemática advinda do contraste entre gramáticas prescritivas, descritivas e livros didáticos? Uma possível resposta a essa indagação encontra-se na próxima seção.

5 Reflexões em torno do ensino dos complementos verbais: necessidade de elaboração de novas propostas pedagógicas

A adoção de metodologias ativas no ensino de sintaxe torna-se especialmente relevante diante das inconsistências observadas nos materiais didáticos analisados, pois permite ao professor ressignificar o conteúdo gramatical a partir da reflexão e da experimentação linguística.

Ao refletir sobre a elaboração de novas propostas pedagógicas para o ensino de sintaxe, em específico dos complementos verbais, é importante que haja uma visão crítica que contemple uma visão pluridimensional desde a prescrição até à descrição sintática desses constituintes em diferentes contextos de uso (cf. Souza Bezerra, 2023). Para tanto, não só os achados das pesquisas linguísticas, mas também o conhecimento gramatical internalizado dos estudantes devem ser considerados pelo docente, estando alinhados a uma metodologia ativa (Pilati, 2017) em que esses estudantes devam ter papel ativo durante o processo ensino-aprendizagem, de forma que ampliem seus saberes gramaticais, não sendo meros reprodutores de regras, definições e classificações contidas nas gramáticas prescritivas. Assim, a sala de aula deixa de ser entendida como o local de transmissão de conhecimentos típico de uma educação bancária e passa a ser vista como um espaço de investigação linguística. Portanto, para o ensino de língua portuguesa, Pilati (2017, p. 16) defende, a partir da adoção de uma metodologia ativa, o seguinte:

Sem fugir dos conteúdos gramaticais obrigatórios para os alunos da Educação Básica, a abordagem que proponho nesta obra tenta articular três aspectos fundamentais para o ensino de línguas:

- i. os avanços alcançados pelas pesquisas linguísticas em relação às propriedades das línguas humanas;
- ii. os conhecimentos sobre as variedades linguísticas da língua portuguesa; e
- iii. a metodologia da aprendizagem ativa, capaz de levar os alunos a usar a gramática com consciência e em benefício de sua produção textual.

Muitos são os estudantes que possuem grande dificuldade no que se refere à transitividade verbal e aos tipos de complemento verbal. Isso se deve ao método de ensino tradicional baseado na transmissão de conteúdos gramaticais que desconsidera, por conseguinte, sua gramática internalizada e os múltiplos usos da língua, culminando na divisão dos alunos em dois grupos na sala de aula: os que sabem português (conhecem as regras, definições e classificações gramaticais) e os

que não sabem português (os que desconhecem tais regras, definições e classificações). Em concordância com Pilati (2017, p. 26), assumimos nesta pesquisa que

Afirmar que "alguém não sabe a língua que usa todos os dias" revela:

- a) desconhecimento sobre o conceito de língua e também sobre os conceitos de gramática mental, inatismo, aquisição linguística, propriedades das línguas naturais; e
- b) desconhecimento sobre variação linguística.

Portanto, é crucial ao docente entender que o aluno, falante nativo do português brasileiro, por exemplo, já sabe a sintaxe dessa variedade do português antes de ingressar na escola e que, por conseguinte, precisa dar-lhe autonomia durante o processo de aprendizagem e fornecer as ferramentas e orientações necessárias para a ampliação de seus saberes gramaticais.

No âmbito da metodologia ativa, uma das ferramentas pedagógicas tem se voltado à ludicidade. Recursos como jogos didáticos, na perspectiva de Almeida (2012), costumam atrair a atenção dos estudantes para a temática trabalhada em sala de aula, além de serem adaptáveis aos níveis de ensino.

Não há dúvidas de que a ludicidade em sala de aula proporciona uma nova perspectiva para a dinâmica de aprendizado e pode trazer boas contribuições para as discussões sobre a sintaxe do português brasileiro. Oliveira e Quarezemin (2016, p. 23) abordam uma forma de manter o ensino de gramática ativo onde o aluno seja protagonista ao propor que ele “fabrique” uma gramática e a explique usando seus conhecimentos:

Não somos cidadãos plenos se temos vergonha da nossa fala, se negamos até hoje que há um português brasileiro, que tem características próprias reconhecidas há séculos, e se vemos no português da gente, na feliz expressão de Ilari e Basso (2006), um motivo de chacota porque "não sabemos falar". Note que é a colônia que não sabe falar; é a fala da colônia que é errada. Esses são indícios de uma subjetividade em desacordo consigo, porque não aceita o que é. Legitimar a língua que falamos, nossa identidade linguística, é uma das funções da escola, que pode ser realizada observando as línguas, construindo, juntamente com os alunos, gramáticas para explicá-las.

As discussões desenvolvidas neste trabalho evidenciam a necessidade de repensar o ensino de sintaxe para além das práticas tradicionais que se centram apenas na memorização de classificações gramaticais. Nesse contexto, as

metodologias ativas configuram-se como alternativas pedagógicas capazes de oferecer uma aprendizagem mais reflexiva e significativa, ao atribuir ao aluno o papel de protagonista em sua trajetória de ensino.

Entre essas metodologias, pode-se destacar a sala de aula invertida, compreendida como uma abordagem que reorganiza os tempos e os espaços de aprendizagem deslocando a exposição teórica para momentos extraclasse, reservando o tempo da aula para atividades práticas, colaborativas e investigativas. Como aponta Peixoto (2021), trata-se de uma metodologia ativa que rompe com o modelo tradicional de ensino de gramática, favorecendo a autonomia do discente, o engajamento nas atividades e a reflexão sobre o uso da linguagem em contextos reais de interação social.

Embora a proposta apresentada por Peixoto (2021) esteja fundamentada na perspectiva funcionalista da linguagem e seja aplicada ao ensino de diferentes categorias gramaticais, sua organização metodológica mostra-se plenamente aplicável ao ensino de complementos verbais no português brasileiro. Isso se deve ao fato de que a sala de aula invertida cria condições favoráveis para a análise linguística reflexiva, uma vez que o conteúdo gramatical passa a ser explorado em sala de aula por meio de formulação de hipóteses, a aplicação de testes sintáticos e a discussão coletiva dos dados.

A metodologia defendida por Peixoto (2021) pode ser aplicada nas salas de aula e resultar em um produto final, como a criação de gramáticas, proposta por Oliveira e Quarezemin (2016) feitas a partir da investigação dos estudantes durante as práticas da sala de aula invertida. Essa prática pode proporcionar a junção de dados linguísticos dos estudantes sobre usos dos complementos verbais em diferentes contextos e como eles costumam usar no dia a dia, juntamente com os conhecimentos teóricos pesquisados. Os resultados de práticas como essa podem ser significativos para que o aluno assuma o protagonismo de seu aprendizado e melhore seu desempenho, como aponta o resultado da pesquisa de Peixoto (2021).

Além disso, o papel do professor nesse modelo de ensino ultrapassa o de um mero transmissor de conhecimento e passa a ser o de mediador do processo de aprendizagem, orientando os alunos nas análises de dados, no esclarecimento das dúvidas e na construção coletiva do conhecimento. Tal configuração está de acordo com as propostas de ensino de sintaxe defendidas por autores como Pilati (2017) e

Avelar (2017) que concebem a sala de aula como um espaço de investigação linguística, partindo dos conhecimentos prévios dos estudantes.

Diante do exposto, durante a atuação docente, nada impede que professores construam jogos didáticos (ex.: jogos de tabuleiros, jogos digitais) voltados aos complementos verbais, a fim de que os alunos reflitam sobre o uso dos complementos verbais (objetos diretos, indiretos e oblíquos), não só articulando saberes durante a análise linguística, mas também considerando os contextos de uso em diferentes modalidades de uso da língua. Nesse processo, é claro, não se pode perder de vista que as propostas didáticas advindas do trabalho com os jogos didáticos precisam seguir as habilidades e competências propostas na BNCC para o tratamento da temática, tomando por base o nível de ensino escolhido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar diferentes abordagens sobre os complementos verbais a partir de uma análise comparativa entre gramáticas prescritivas, descritivas e livros didáticos.

Do ponto de vista da prescrição gramatical, há divergência entre gramáticos no que concerne à classificação de complementos verbais preposicionados com verbos de movimento (ex. ir, sair, chegar, vir) ora considerados adjuntos adverbiais (cf. Almeida, 2009; Cegalla, 2010) ora considerados complementos oblíquos (circunstanciais ou relativos) (cf. Rocha Lima, 2011; Castilho, 2010). A depender do tipo de classificação adotada, há, sem dúvidas, um impacto direto na classificação da transitividade do verbo.

Em adição, por desconsiderar os múltiplos usos da língua, a gramática tradicional não promove, por exemplo, uma discussão em torno da possibilidade de um verbo transitivo indireto tornar-se transitivo direto após o apagamento da preposição esvaziada de conteúdo semântico como é o caso do verbo *assistir* usado na língua falada do português brasileiro (ex. Eu assisti ao/ o filme.). Por sua vez, verifica-se que não são aplicados testes para distinguir, de forma satisfatória, os tipos de complementos verbais (objetos diretos, objetos indiretos e complementos oblíquos), o que poderia contribuir bastante para o entendimento não só do comportamento

sintático desses complementos, mas também da estrutura argumental que contempla a relação entre o predador verbal e seus argumentos.

Contrariamente à visão prescritiva, as gramáticas descritivas selecionadas para este estudo analisam o funcionamento dos complementos verbais com diferentes verbos transitivos, partindo da aplicação de testes que contemplam a interface entre a estrutura sintática (funções sintáticas dos constituintes) e a estrutura argumental (relação entre predadores verbais e seus argumentos). Além disso, consideram-se os múltiplos usos da língua ao considerar, por exemplo, o apagamento, na língua falada, de preposições que introduzem complementos oblíquos. O foco dessas gramáticas recai, portanto, em não como os complementos devem se estruturar, mas em como realmente se estruturam na gramática do português brasileiro. Nesse sentido, não se observa divergência quanto à classificação de complementos preposicionados exigidos por verbos transitivos indiretos, a saber: os objetos indiretos e os complementos oblíquos (relativos e circunstanciais).

Após a análise contrastiva estabelecida entre as diferentes abordagens gramaticais, verificamos que os dois livros didáticos adotados para o 7º e o 8º ano abordaram, em grande medida, os complementos verbais sob um olhar muito voltado ainda à definição, classificação e identificação desses complementos, partindo da transitividade de diferentes verbos. O único critério usado para distinguir verbos transitivos diretos de verbos transitivos indiretos reside na ausência ou presença de preposição, respectivamente, um critério falho e simplista, haja vista que há objetos diretos preposicionados, conforme previsto nas gramáticas prescritivas e descritivas. Ademais, há uma clara confusão entre complementação e adjunção, pois a estrutura argumental e a aplicação de testes necessários para identificar os argumentos que atuam na sintaxe como complementos verbais são desconsiderados.

Diante disso, defende-se neste trabalho a necessidade de elaboração de práticas pedagógicas voltadas ao ensino da sintaxe, em particular, dos complementos verbais que priorizem a análise linguística e a reflexão sobre os usos da língua, indo na direção do que está previsto na BNCC. Propõe-se que o ensino dos complementos verbais ultrapasse a simples definição, classificação e identificação, a partir da adoção de metodologias ativas que promovam um espaço de investigação linguística em sala de aula que vise à ampliação dos saberes gramaticais que os alunos já trazem ao ingressarem na escola.

Em linhas gerais, este estudo evidenciou que a distância entre a descrição linguística e a prática escolar ainda é significativa, sobretudo no ensino da sintaxe. Ao propor uma abordagem significativa e ativa dos complementos verbais, busca-se contribuir para a formação de estudantes capazes de compreender a linguagem para além do conjunto de regras engessado e proposto pela prescrição e ensinado na tradição escolar. Para tanto, enfatiza-se a investigação linguística na sala de aula, a fim de tornar os estudantes detetives de sua própria língua.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- AMPLIA: Ensino fundamental: anos finais: 7º ano : volume 1: Língua portuguesa e redação / obra coletiva. - 1. ed. - São Paulo: SOMOS Sistemas de Ensino, 2024.
- AMPLIA: Ensino fundamental: anos finais: 8º ano : volume 1: Língua portuguesa e redação / obra coletiva. - 1. ed. - São Paulo: SOMOS Sistemas de Ensino, 2024.
- AVELAR, J. O. *Saberes gramaticais: formas, normas e sentidos no espaço escolar*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2017. (Educação linguística; 13)
- AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 29 de Janeiro de 2026.
- BECHARA, E. ex *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CÂMARA, Tania Maria Nunes de Lima. Um olhar sobre os complementos verbais: Rocha Lima; a NGB; a sala de aula. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 14., 2010. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- CHOMSKY, N. *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Madrid: Aguilar, 1971.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: its origin, nature and use*. New York: Praeger, 1986.

CONQUISTA, Língua portuguesa Ensino fundamental - anos finais: 7º ano. Língua portuguesa. Obra coletiva. - 1. ed. - São Paulo: Conquista Solução Educacional, 2023.

CONQUISTA, Língua portuguesa Ensino fundamental - anos finais: 8º ano. Língua portuguesa. Obra coletiva. - 1. ed. - São Paulo: Conquista Solução Educacional, 2023.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DUARTE, L. J. A. Ensino de gramática no Brasil: aspectos históricos e contexto atual. *Philologus*, Rio de Janeiro, ano 27, n. 79, suplemento, jan./abr. 2021. *Anais do XII SINERIL*. Rio de Janeiro: 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 38.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. *A Importância do ato de ler*. 49.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, P.. *Pedagogia do oprimido*. 64. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 57. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

OLIVEIRA, R. P. de; QUAREZEMIN, S. *Gramáticas na escola*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

PEIXOTO, Cleiliane Sisi. Proposta de ensino de gramática com o uso do método Sala de Aula Invertida mediado pelas TDIC e pela internet. *Revista Educação Pública*, v. 21, n. 34, 14 set. 2021. Disponível em: <https://surl.li/jxzvll> Acesso em: 30 Jan. 2026.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PILATI, E. *Linguística, gramática e aprendizagem ativa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.